



SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA XXVIII SIC

paz no plural



Evento	Salão UFRGS 2016: SIC - XXVIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2016
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	O Além do Sentido: um diálogo entre o budismo e a psicanálise
Autor	GABRIEL ENGELMAN DE LEÓN MADEIRA
Orientador	MARTA REGINA DE LEAO D AGORD

O além do sentido: um diálogo entre o Budismo e a Psicanálise

O presente resumo propõe-se uma apresentação da pesquisa desenvolvida no Laboratório de Psicanálise. Estabeleceu-se um diálogo entre duas teorias que tratam da noção de sofrimento, o budismo e a psicanálise. Outra parte desta relação está na noção de vacuidade e do Real Lacaniano. No início do Seminário I de Lacan, o autor relaciona a prática do mestre Zen, que interrompe o silêncio dos discípulos, com a prática clínica, que corta a cadeia significante, levando o discípulo para o além do sentido. Tal corte possibilita um vislumbre da experiência de vacuidade para o budismo e uma releitura dos significantes do ponto de vista da psicanálise.

Vemos que há algumas diferenças entre ambas filosofias, no que tange principalmente ao sofrimento. Sobre o ponto de vista da psicanálise, o sofrimento é constitutivo do sujeito, como os aspectos negativos ou destrutivos de nosso psiquismo, as pulsões de morte de Freud. Tudo o que podemos fazer de forma a harmonizar tais impulsos com o viver em sociedade é sublimar tais pulsões e dar-lhes alguma finalidade culturalmente aceita. O budismo não nega o sofrimento ou as emoções perturbadoras, entretanto vê que a experiência de sofrimento condiz com o aspecto construído da realidade (*avydia*), que dá solidez à experiência condicionada de mundo (*samsara*). Numa primeira abordagem, Buda afirma que, analisando tal processo, a roda da vida, seria possível livrar-se do sofrimento e encontrar a felicidade duradoura, a experiência do nirvana. O sofrimento, nesta abordagem, deriva essencialmente da fixação a uma identidade construída através da roda da vida. Tais identidades são tanto para o budismo como para a psicanálise múltiplas, até mesmo contraditórias, em constante transformação. Para o budismo, nossa natureza é aquilo que permite um incessante recriar de tais identidades e visões de mundo correspondentes.

Num segundo momento, Buda introduz a noção de vacuidade, aprofundando a ausência de substancialidade do eu e do mundo externo. A tradição Zen faz parte desta segunda etapa do budismo, tendo como texto principal o Sutra do coração da Prajnaparamita (perfeição da sabedoria), mas também os *koans*, parábolas aparentemente paradoxais que o mestre Zen introduz aos alunos para que possam ir além do sentido. Lacan trata do Real como impossível de ser simbolizado, uma limitação do simbólico em representá-lo. Teríamos portanto, apenas interpretações, ficções que se aproximam daquilo que é o Real. Segundo Moncayo (2003), tais linhas de pensamento aproximam-se, com o conceito do Real sendo de ordem semelhante à experiência da vacuidade enquanto ausência. Nessa experiência, vemos que a realidade trata-se como se de múltiplas bolhas de significados, que colorem o mundo, não havendo portanto uma verdade última que se sobreponha às demais verdades parciais. Tal compreensão surge à partir da contemplação e de um repouso no silêncio que é não condicionado.

Ora, a clínica psicanalítica trata acima de tudo das ficções que compõem nossas vidas, de ressignificações ou cortes possíveis dado o caráter onírico e criativo dessa produção de si mesmo. Essa é uma abordagem semelhante ao budismo, que vê a vida enquanto uma espécie de sonho ou jogo, no qual, a partir de um olhar mais amplo e desapegado, poderíamos seguir vivendo tais jogos sem, no entanto, sofrer tanto com a aparente solidez de tais criações.